

A CONFIGURAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA DE UM JORNAL POPULAR EM UMA PERSPECTIVA DISCURSIVO-COGNITIVA

Joseany Rodrigues Cruz¹

RESUMO: Este artigo tem como foco a relação enunciador/enunciário na configuração enunciativa instanciada pela primeira página de um periódico popular específico, o jornal *Meia Hora*. A primeira página foi compreendida, em uma perspectiva discursivo-cognitiva, como resultante de atividades de linguagem, atividades enunciativas que produzem instâncias enunciativas, multimodalmente constituídas e representadas pela tecnologia da escrita, em mídia impressa. O editor do jornal constrói a “primeira página” como representação de uma encenação de linguagem, com a intenção de atrair o leitor e “vender o jornal”. Isso envolve decisões e escolhas de vários tipos. Nesse sentido, busquei compreender como as operações de *blending*, que configuram a cena enunciativa básica, se efetuam: o editor do jornal *Meia Hora* age construindo-se como um enunciador típico, dirigindo-se a um tipo de leitor específico, produzindo textos/sentidos que visam a induzi-lo a se construir como o enunciário pretendido, um cliente a ser construído, ou aquele que já foi fidelizado ou a ser fidelizado. Cada sujeito, ao se construir como enunciador e o outro como enunciário, opera discursivamente por *blends*, por integração conceptual, como uma estratégia de representação comunicativa de construção de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Integração conceptual; *Blends*; Enunciador; Enunciário.

ABSTRACT: This article has the focus the relationship enunciator/enunciatee in enunciative configuration instantiated for the first page of a specific popular periodical, the newspaper *Meia Hora*. The first pages are included in a cognitive discursive perspective, as a result of language activities, enunciative activities that produce enunciative instances, multimodal constituted and represented by the technology of writing, in print media. The editor builds the front page as a representation of a language staging, with the intention to attract the reader and "sell the newspaper". This involves decisions and choices of various types. In this sense, I tried to understand how the blending operations, which constitute the basic expository scene, are carried out: the Journal *Meia Hora* editor works by building it as a typical enunciator, addressing a specific type of player, producing texts/sense that aim to induce you to build as the desired enunciatee, a customer to be built, or one that has been loyal or to be loyal. Each subject, when building as enunciator and the other as enunciatee operates discursively by blends, for conceptual integration, as a communicative representation strategy of construction of meaning.

KEYWORDS: Conceptual Integration; Blends; Enunciator; Enunciatee.

Introdução

Sempre quando interagimos com o ambiente em que vivemos, lendo um livro, um anúncio ou um jornal, conversando com alguém, decidindo por isso ou aquilo, interagindo em redes sociais virtuais ou simplesmente assistindo televisão, estamos produzindo sentido. Esses exemplos cotidianos são mínimos diante da infinidade de possibilidades de produção de sentido por nós, seres humanos.

¹ Mestre em Linguística e Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica (PUC Minas). E-mail: josy.rc@ig.com.br

Criatividade e imaginação nos tornam diferentes dos outros animais. Mas o que nos confere essa capacidade de realizar operações mentais, tais como inferir, imaginar, criar hipóteses ou mundos, inventar, mentir, fingir, manifestar sentimentos, negar, interagir, estabelecer analogias etc.? Articulando pressupostos, principalmente, da teoria da linguagem como atividade constitutiva (FRANCHI, 1992), da teoria da enunciação (BENVENISTE, 1989), da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002; BRANDT, 2004) e do conceito de recursividade como propriedade da mente (CORBALLIS, 2011), autores que constituem a minha base teórica, percebo que até mesmo ações aparentemente simples e cotidianas, como perceber semelhanças e diferenças, envolvem operações mentais diversas, implicadas no processamento discursivo e no processo de interlocução.

Pressupostos teóricos

Toda produção textual é uma atividade interacional, é a concretização das atividades de linguagem. Assim, assumo que, na atividade de linguagem, os interlocutores, na produção e recepção de textos, instituem-se como enunciadores e enunciatários, em um determinado tempo e espaço discursivos, no estabelecimento de uma relação com o mundo e com o outro, conforme postula Benveniste (1989). Segundo o autor, o estabelecimento da relação EU/TU é uma condição necessária para que se dê a implementação do processamento discursivo, pois ela constitui o sistema de referências pessoais necessário para que os falantes utilizem a língua, atualizando-a em atos de linguagem. Para haver enunciação, é necessário um locutor que, ao estabelecer uma relação com o mundo e com o outro, se apropria da língua e constrói a referência através do discurso, o que desencadeia a necessidade de se instituir um processo de “co-referenciação”, possível na interação entre os co-locutores.

Para abordar os processos enunciativos e a relação enunciador/enunciatário, em uma perspectiva discursivo-cognitiva, faz-se necessária, nesta seção teórica, a articulação de algumas teorias. Estabeleço uma interface entre a Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002; BRANDT, 2004) e a Teoria da Enunciação, o que considero possível pelo fato de essas teorias tratarem a linguagem como atividade discursiva constitutiva dos seres humanos. Afirmo que as operações mentais têm um papel central, não apenas no modo como pensamos, mas, também, no modo como aprendemos e vivemos, sendo, portanto, essenciais à produção de sentido. Muitos são os elementos “manipulados” na composição das cenas enunciativas: os participantes do discurso, os objetivos, o momento e o lugar em que se dá a interação, os objetos do discurso, aquilo sobre “o que se diz” e “como” se “diz” etc. É na

relação enunciador/enunciatário que essas operações se manifestam. Nessa perspectiva, o modo como os seres humanos agem e se comportam, no processo de produção de sentido, na e pela linguagem, se mostra como um fenômeno sempre novo, único em cada uma de suas instanciações, caracterizando-se como uma atividade criativa e constitutiva dos seres humanos.

O pensamento criativo e imaginativo possibilita aos seres humanos inferir, hipotetizar, inventar, criar mundos, fazer analogias, contrapor etc., muitas vezes sem se dar conta do que está por trás disso. Há diversas frentes de pesquisa que buscam explicar esse processo e as operações mentais que estão por trás dele. Para Fauconnier e Turner (2002), até mesmo pensamentos aparentemente simples e cotidianos, como perceber semelhanças e diferenças, envolvem complexidades, em geral, não evidenciadas por teorias formais.

Defendo que a linguagem é uma atividade constitutiva do ser humano, cuja finalidade principal não é a comunicação, mas sim a construção de uma visão de mundo partilhada, que constitui as experiências humanas (FRANCHI, 1992). Assim, pensar a linguagem como atividade constitutiva do ser humano pressupõe compreender a instabilidade da linguagem, que é um sistema aberto, dinâmico e criativo.

Segundo Fauconnier e Turner (2002), a produção de sentido ocorre no processo de criação, articulação e integração de espaços mentais, construídos e reconstruídos o tempo todo. A mente humana contrapõe e integra dois ou mais espaços de entrada, chamados de *inputs*, produzindo sempre um novo espaço, o *blend*, diferente dos que o originaram e dotado de algumas semelhanças. O espaço genérico ou espaço básico é onde se conectam as informações gerais comuns aos espaços de entrada (*inputs*), que se apresentam pela parte e contraparte – factual e contrafactual, respectivamente, sem as quais não pode ocorrer o *blend*: espaço onde se projetam estruturas captadas nos demais espaços para que se dê a produção de sentido. Nesse contexto, a contrafactualidade, operacionalizada pela configuração de contraposições, é condição para que se dê a integração desses espaços. Isso porque, na perspectiva da Teoria da Integração Conceptual, a contrafactualidade é uma propriedade básica da mente humana, propriedade essa que tem um papel central não apenas no modo como pensamos, mas, também, no modo como aprendemos, interagimos e vivemos, sendo, portanto, essencial para a compreensão da produção de sentido.

A figura a seguir é relevante para uma melhor compreensão sobre esse processo. Veja:

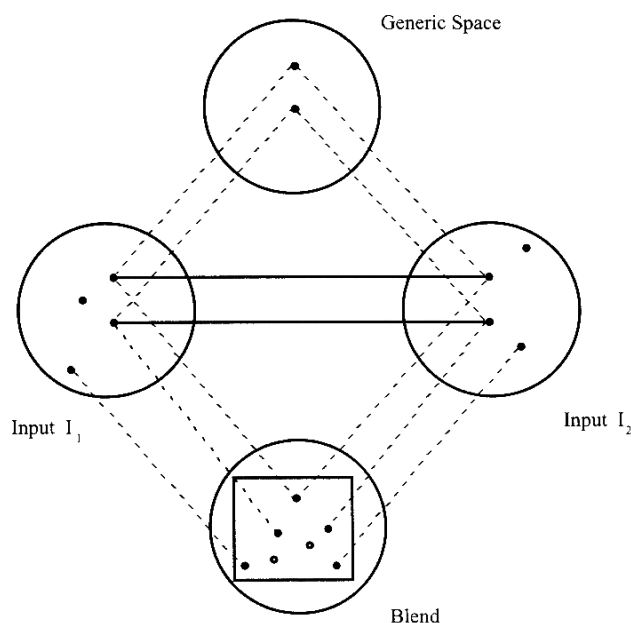


Figura 1: Esquema básico de integração conceitual
Fonte: Fauconnier e Turner (2002, p. 46)

Os quatro círculos da figura representam espaços mentais; as linhas grossas ligando espaços de entrada ou *inputs* 1 e 2 representam conexões de contrapartes produzidas pela correspondência encontrada na projeção entre os espaços de entrada; as linhas pontilhadas indicam conexões entre os espaços de entrada; o espaço genérico e o espaço *blend*, onde o sentido se constrói, e as linhas pontilhadas no espaço *blend* representam a estrutura emergente.

Para interpretar a figura, recorro a Fauconnier e Turner (2002), que afirmam que criar uma rede de integração conceitual é: (i) estabelecer espaços mentais; (ii) equiparar esses espaços; (iii) realizar projeções seletivas; (iv) localizar estruturas compartilhadas; (v) realizar projeções de volta para os inputs iniciais; e (vi) buscar novas estruturas para os inputs ou para o *blend*. Ao estabelecermos o *blend*, estamos operando cognitivamente dentro desse *blend*, o que nos permite manipular vários eventos dentro de uma unidade integrada. O *blend* fornece uma estrutura, um elemento novo, inédito, não disponível em nenhum dos outros espaços da rede de integração. Esse elemento novo, que emerge do espaço *blend*, os autores citados acima denominam de estrutura emergente.² A conceptualização alcançada por meio do *blend* consiste em um aspecto diferenciador da capacidade cognitiva humana, revelando-se como um mecanismo mental otimizador da memória, em razão da integração entre os espaços de *input*, cujos elementos são projetados seletivamente no espaço *blend*. Em outras palavras, segundo

² A estrutura emergente recebe esse nome por emergir do processo de *blend*.

Fauconnier e Turner (2002), a projeção entre os espaços ditos de entrada conecta suas partes correspondentes. Ainda há, nessa rede de espaços mentais, um outro espaço chamado de espaço genérico, que chamo de espaço básico, o qual projeta estruturas partilhadas pelos espaços de entrada e a partir desses são projetados novos espaços *blends* nos quais emergem os efeitos de sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 40-44). Quando são criadas correspondências entre dois espaços de entrada, dizemos que existe um espaço cruzado projetado entre eles (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 48).

É importante ressaltar que os autores deixam claro que o diagrama é apenas uma ilustração sobre os aspectos essenciais do *blend*. A sequência demonstrada na figura não representa as fases reais do processo imaginativo, que é bem mais complexo.

Ainda sobre a interação conceptual, adoto também postulados de Brandt (2004), que propõe que a criação de uma rede de integração conceptual implica que seja instituído um espaço semiótico base. A partir dele, são instaurados o espaço de apresentação e o espaço de referência. A partir da integração desses dois espaços, emerge o espaço virtual, o *blend*, que é calibrado por um *frame* de relevância. Veja:

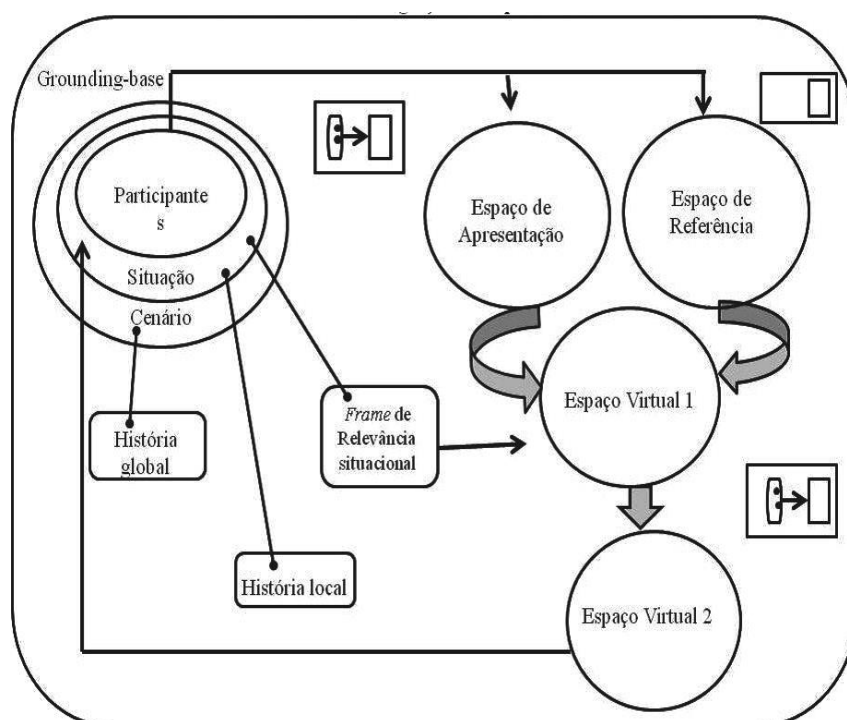


Figura 2: Modelo de integração conceptual
Fonte: Brandt (2004, p. 99-103)

Outro conceito que apresento é o de recursividade. Corballis (2011) defende a tese segundo a qual a mente humana é, por natureza, recursiva. A nossa capacidade de viajar mentalmente no tempo, que corresponde à habilidade de rememorar episódios do passado e imaginar acontecimentos futuros, é um tipo de recursão. Nossa memória nos permite recuperar o passado e nos projetar no futuro, pela propriedade da recursividade. Pensar sobre o ato de pensar, ou seja, habilidade para entender o que se passa na mente de outras pessoas, para dizer que penso que sei o que você está pensando e penso que você sabe que eu sei que você sabe que eu estou pensando, também é recursivo.

E, para falar em sentido, é preciso reconhecer ainda um texto como “um evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, sociais e cognitivas” (BEAUGRANDE, 1997), um sistema de conexões que inclui elementos tais como sons, palavras, significados, participantes do discurso, ações em um plano etc.

Dessa maneira, considero que a adoção da Teoria da Integração Conceptual implica estudar a realização das conexões cognitivas geradas por operações discursivas que englobam desde a escolha do léxico e a opção por determinada construção gramatical até a adoção de estratégias discursivas específicas, visando à produção de diferentes e possíveis efeitos de sentido.

Construção da relação enunciador/enunciatário

O primeiro passo deste artigo é verificar como se configura a relação enunciador (En)/enunciatário (Ea) no caso do tipo de texto em questão: a primeira página do jornal popular *Meia Hora*. Afirmo que é na relação eu/tu (enunciador/enunciatário) que se dá a possibilidade de produção do discurso, pois ela constitui o sistema de referências pessoais necessário para que os falantes se apropriem da língua e a atualizem pelo ato de linguagem. Esse sistema de referências manifesta-se por intermédio da implementação de certas estratégias responsáveis pela construção do enunciador e do enunciatário no discurso produzido na/pela enunciação. Nessa perspectiva, os interlocutores, interativamente, na produção e recepção de textos, como uma atividade interacional e dialógica, constroem-se especularmente como enunciadore e enunciatários, na/para a construção da referência, em um determinado espaço e tempo discursivos.

Assim, inicio esta breve análise postulando que considero o tipo de texto em questão, ou seja, a primeira página do jornal popular *Meia Hora*, como um evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997) que chamo, neste artigo, de encenação discursiva. Nesse evento, há a

construção de uma relação enunciator/enunciário pautada, sobretudo, nos aspectos relacionados à produção do periódico e também na sua recepção.

Configuração das instâncias enunciativas

Em todo e qualquer texto, várias instâncias enunciativas são colocadas em cena. Essas instâncias enunciativas são configuradas em termos de atividades, de operações efetivadas por um tipo de locutor, o editor de jornal *Meia Hora* que, em cada uma das editorias, independentemente de qual fosse, pauta os temas que serão tomados como notícia, escolhe as reportagens que farão parte da publicação, o foco dado pelo repórter em relação à notícia, qual abordagem será feita, o tamanho dela e o espaço ocupado na publicação, entre outros aspectos que definem a identidade do jornal, sempre em função do interesse de seu público-alvo.

Em termos de operações, o editor do jornal *Meia Hora* age construindo-se como um enunciator típico, que representa e reconhece o estilo e a linha editorial desse jornal específico, que assume um caráter popular e, por isso, se difere de periódicos como a *Folha de São Paulo*, *O Globo* ou o jornal *Estado de Minas*, socialmente reconhecidos como mais sérios e formais. O jornal *Meia Hora* possui características próprias, como, por exemplo, o caráter humorístico diante dos fatos noticiados. Além disso, esse editor age dirigindo-se a um alocutário específico, um tipo de leitor específico, produzindo textos/sentidos que visam a induzi-lo a se construir como o enunciário pretendido, um cliente a ser construído, ou aquele que já foi fidelizado ou a ser fidelizado.³

Reitero que as fotografias, cores, diagramações, tamanho das letras, entre outros itens que configuram a primeira página, não estão ali por acaso; eles exercem um papel importante na configuração da instância enunciativa. O tamanho da fotografia principal da primeira página da edição n. 2.147, se comparada ao tamanho da frase relacionada a ela, demonstra a escolha do editor por chamar a atenção fazendo um apelo ao erotismo, à sensualidade, deixando a informação em segundo plano. Isso demonstra o processo de escolha e configuração dos temas na composição da instância enunciativa.

O processo de co-referenciação

No processo explicitado no penúltimo parágrafo da seção acima, locutor(es) e alocutário(s) optam por co-referenciar⁴ determinados temas e não outros, colocados em cena e

³ A próxima seção visa a esclarecer o processo de co-referenciação entre eles.

⁴ Uso o termo “co-referenciar” no sentido de Benveniste (1989, p. 84), em “O aparelho formal da enunciação”.

organizados pela produção das primeiras páginas, que é o primeiro contato estabelecido entre eles. Nesse processo, há um editor que escreve para seu leitor, sobre determinado assunto, com a intenção de chamar sua atenção. A maneira como o editor organiza e estrutura discursivamente os textos do jornal é, inclusive, o que diferencia o jornal *Meia Hora* de outros jornais. Nesse processo, há um editor (locutor) que fala para um leitor (alocutário), sobre notícias do cotidiano, com a intenção de vender jornal e fidelizar o seu público. A maneira como se fala e aquilo sobre o que se fala refletem o estilo do jornal, conforme já dito, mas também definem seu público, uma vez que a leitura é pautada pelo interesse do leitor, que reconhece e se identifica com a publicação. Essas atividades de co-referenciação envolvem operações discursivo-cognitivas, operações de *blends*, implementados com uma intenção pré-determinada, e que também envolvem operações pelas quais os interlocutores constroem, mantêm e gerenciam, num determinado tempo/espaço discursivo, uma interlocução específica, mediante a qual mantêm a “relação enunciador/enunciatário”, na/pela qual co-referenciam determinados conteúdos, determinadas estruturas de significados pretendidos com fins específicos e pré-determinados. A relação intersubjetiva é intencionalmente criada e mantida pelos interlocutores: a relação enunciador/enunciatário reflete a intersubjetividade identitária da interlocução entre o jornal e seu público-alvo.

Visto isso, afirmo que os interesses dos interlocutores que participam da construção interlocutiva estão relacionados a valores (relativos à sexualidade, por exemplo), agregados à encenação interlocutiva, visando à consecução de fins comunicacionais específicos. Trata-se de valores que anunciam/denunciam propriedades constituintes da intersubjetividade dos interlocutores em questão.

***Blends* (Integração Conceptual)**

Antes de prosseguir, considero relevante explicitar que a primeira página precisa ser vista em termos da função que ela exerce: apresentar uma edição específica de um jornal. Além disso, a encenação discursiva pode e deve ser compreendida como uma estratégia, como um modo de apresentação de um conteúdo de referência.

Assim, o que abordarei, neste item, é que a relação entre enunciador/enunciatário, que reflete a intersubjetividade da interlocução entre jornal e público-alvo, a partir da primeira página como primeiro contato entre eles, emerge de *blends* responsáveis pela organização temática dos momentos interlocutivos que vão da escolha dos temas constituintes das chamadas/títulos e dos itens factuais a eles contrapostos nas operações de integração conceptual

à configuração de temas e subtemas apresentados em termos verbais ou não verbais. Observo que a estratégia do editor é dizer, é noticiar um determinado assunto, sempre em dois domínios projetados.

Importa retomar a ideia de que o espaço base semiótico corresponde ao espaço de engajamento enunciativo dos sujeitos linguísticos na produção de sentido e a de que os espaços de entrada são chamados de espaço de apresentação e espaço de referência. No caso do tipo de texto em questão, a primeira página do jornal *Meia Hora*, o que percebo é a criação de uma rede de integração⁵ em que os espaços são ativados por construções linguísticas em espaços discursivos reais em contraposição a espaços fictícios, contrafactuais. Além disso, o processo de produção de sentido requer a projeção de elementos dos espaços de referência e de apresentação, que, integrados, permitem a criação de espaços virtuais, de *blends*, sempre novos.

Considerando o espaço semiótico base em que a primeira página determina a relação entre enunciador/enunciatário, veja a primeira página da edição n. 2.147 do jornal *Meia Hora*:



Figura 3: Primeira página da edição n. 2.147
Fonte: Jornal *Meia Hora*.

Nesta primeira página, a primeira estratégia do editor é convocar seu leitor a partir da chamada principal. Afirmo isso porque, no processo de interação com o editor por meio da primeira página, reconhecemos que a chamada foi colocada em destaque, em letras maiores e

⁵ Retomo que criar uma rede de integração é estabelecer espaços mentais, conectar esses espaços e realizar projeções.

em negrito, juntamente com a fotografia do casal Willian Bonner e Fátima Bernardes, que ocupam grande parte da página.

Assim, a começar analisando a chamada “Fátima abandona Bonner e vai fazer programa”, dois espaços mentais são instaurados: um espaço mental de entrada, de referência, é formado pela notícia factual propriamente dita: Fátima Bernardes deixa de ser apresentadora do Jornal Nacional, ao lado do marido, Willian Bonner, para ter um programa só dela, co-referenciado pelo subtítulo da chamada: “apresentadora mais amada do Brasil deixa bancada do JN para comandar novo programa da Globo”. Em contraposição a esse espaço, temos outro espaço de entrada, o espaço de apresentação, contrafactual, em que Fátima Bernardes deixa o marido para virar garota de programa. Em termos de operações, a compressão desses dois espaços corresponde ao *blend* em que a realidade está em oposição à não realidade (programa de televisão versus programa de prostituição).

Nessa rede de integração conceptual, o *blend* é instaurado pela projeção de elementos que, nos espaços de referência e apresentação, estabelecem uma relação contrafactual. Diante disso, afirmo que a interação com a primeira página em questão desencadeia a instauração de um *blend*. Em outras palavras, quando o jornal apresenta a construção “Fátima abandona Bonner e vai fazer programa”, o efeito de sentido pretendido pelo editor não é o de que ela se tornou uma prostituta, e sim chamar a atenção do leitor. A compreensão de um enunciado como esse envolve a ativação de dois espaços: o do fato propriamente dito e o da situação hipotética, irreal. No primeiro, conceptualizamos que Fátima Bernardes sairá do Jornal Nacional para ter um novo programa. No outro, temos o espaço imaginativo, em que Fátima Bernardes se tornará prostituta e que se separará do marido por causa disso. É importante ratificar que esses espaços possíveis de serem identificados podem modificar-se, a depender do tipo de interação que o leitor estabelece com primeira página e seus conhecimentos individuais, sua memória, a respeito de cada assunto tratado nesses textos. Ou seja, a relevância submetida à configuração do espaço semiótico base e que está implicada no *blend* diz respeito aos conhecimentos que o leitor possui sobre aquele jornal, sobre aquela notícia – conhecimentos prévios e reconhecidos de que o jornal *Meia Hora*, tradicionalmente, constrói suas chamadas de uma maneira X, dizendo Y, a fim de dizer Z, e de que Fátima Bernardes nunca se tornaria uma garota de programa. Ou seja, no caso do espaço semiótico base, o leitor possui conhecimentos sobre os espaços de referência e de apresentação, e esses elementos, reconhecidos, fazem emergir o sentido (inferências sobre a referência). Em forma de diagrama, a Figura abaixo representa a análise proposta acima:

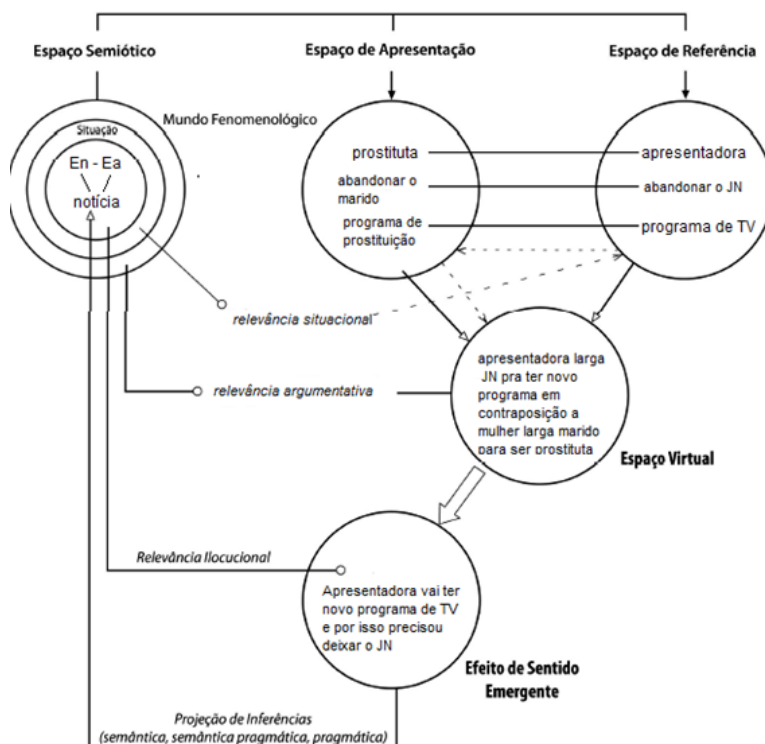


Figura 4: Espaços na chamada da primeira página n. 2.147
Fonte: Elaborado pela autora.

Ressalto também que as escolhas do enunciador na composição das chamadas surgem de *blends* que ele faz quando opta por referenciar este e não aquele assunto, e isso não se dá de maneira casual – tudo é propositalmente armado a fim de atingir o seu público-alvo e específico e, conseqüentemente, manter a interlocução. O que percebo é que editor e leitor realizam *blends* integrando espaços para estabelecer uma relação intersubjetiva na interlocução.

Outra estratégia do editor gira em torno de fotografias, cores, diagramações, tamanho das letras, entre outros itens que configuram a primeira página. Esses itens não estão ali por acaso, eles exercem um papel importante na configuração da instância enunciativa. A maneira como eles foram armados é um fator determinante da construção da primeira página e também da construção do público do jornal *Meia Hora*.

O tamanho da fotografia principal da primeira página n. 2.147, se comparada ao tamanho da frase relacionada a ela, demonstra a escolha do editor por chamar a atenção fazendo um apelo ao erotismo, à sensualidade, deixando a informação em segundo plano. Isso demonstra o processo de escolha e configuração dos temas na composição da primeira página.

Tais elementos aparecem em destaque; o que o editor quer é chamar a atenção do leitor imediatamente. O que os leitores fazem é a ativação de espaços por esses itens que, correlacionados, são referenciados no mesmo espaço integrado. Veja o recorte:



Figura 5: Recorte da primeira página n. 2.147
Fonte: Jornal *Meia Hora*.

Nesse caso, a pretensão é convocar os leitores a partir da nudez, do erotismo. Em relação aos aspectos discursivos, a fotografia vem acompanhada da chamada: “Delícia, assim você me mata! Ai, se eu te pego!”. Ela se refere à modelo da capa, mas também se refere a uma música de sucesso do cantor Michael Teló, que se tornou um *hit* no ano de 2013. A figura é construída como um conjunto de oposições que compõem padrões significativos configurados na construção do público-alvo pretendido, ou seja, na construção da relação enunciador/enunciatário pretendida, percebemos que o *blend* realizado na integração da figura e do texto verbal determina a relação enunciador/enunciatário. Isso porque a produção de sentido é instanciada por dispositivos linguísticos de simulação de uma realidade que apontam para cenários concebidos como não verídicos.

Com relação à configuração de espaços mentais, é relevante a seguinte leitura:

- 1) a modelo Bárbara Evans, filha da atriz Monique Evans, ex-participante do *Reality Show* “A Fazenda” da rede Record de Televisão; e
- 2) o trecho da famosa música “Ai se eu te pego”, de Michael Teló.

É necessário ressaltar que, tanto no caso da chamada principal quanto nesse caso, o sentido não está restrito ao domínio das formas linguísticas. Inclusive, no caso de Bárbara Evans, a expressão aparece como coadjuvante na construção de significado, uma vez que a imagem foi colocada como principal.

Em termos de operações, sugiro que o *blend* desses dois espaços, (1) de referência e (2) de apresentação, corresponde a uma analogia, já que esses espaços estão relacionados entre si e estabelecem uma relação de complementação.

Ressalto ainda, sobre a composição da primeira página, que as fotos de Bárbara Evans e do casal Willian e Fátima foram colocadas em destaque. É o apelo visual das imagens e o interesse imediato que elas provocam no leitor que as colocam em evidência, determinando, assim, uma construção semiótica (produzindo inferências sobre a referência). Até porque, apropriando-nos de um jargão jornalístico muito utilizado, “uma imagem vale mais que mil palavras”. Mesmo que Bárbara Evans não seja tão famosa, colocá-la quase nua em destaque na capa do jornal sugere que, apesar de ela não ser uma pessoa reconhecida de imediato, é bonita, loira, e possui seios volumosos – logo, merece estar na capa do jornal, visto que encarna o estereótipo de beleza brasileiro.

Essa exploração de fotografias de mulheres despidas é bastante comum em jornais populares. E isso não é um mero acaso. São sempre mulheres bonitas, de corpo escultural e em poses sedutoras. Essas fotografias são composições que representam a realidade e não o fato em si, são artifícios de encenação dramatizada como uma estratégia de representação. Diante disso, é extremamente importante dizer que este conceito não se aplica somente às fotografias, mas a toda a capa, multimodalmente construída como uma representação proposital de notícias reais.

A fixação em temas relativos à sexualidade, culturalmente construída, não se apresenta na construção dos espaços interlocutivos por acaso ou capricho do editor, e sim pela força que isso exerce entre os leitores, pelo valor de consumo colocado em cena pelo alocutário (público pretendido na interlocução em questão). Esse apelo a temas relativos à sexualidade é um fator constituinte e constitutivo da configuração e manutenção da relação enunciador/enunciatário, algo associado a essa relação como moeda de troca.

Observe:



Figura 6: Realce das chamadas da primeira página n. 2.147
Fonte: Jornal *Meia Hora*.

A capa gira em torno das relações entre homem e mulher, configurando, pois, um recorte temático, uma escolha do enunciador. As palavras/expressões “delícia, programa, assim você me mata” e “Ai se eu te pego”, bem como as fotografias, demonstram que a relação enunciador/enunciatário é pautada por um forte apelo sexual. Mesmo as outras notícias veiculadas na página possuem essa característica, evidenciada pelas construções linguísticas “Matou o marido com botijão, e filho enterrou” e “Viúva diz que traía Renné porque ele era brocha”. Nesse caso, chamo a atenção não apenas para quem diz o quê para quem, mas ao que se diz e ao como se diz. O que acontece é que a notícia, em todos os casos acima, leva o leitor a ler em duas pautas – existe uma notícia prévia e o leitor dá a notícia na pauta desejada, em um *blend*.

Considerações finais

A partir da breve análise da primeira página do jornal *Meia Hora*, compreendida e caracterizada em uma perspectiva discursivo-cognitiva como resultante de atividades de linguagem, a partir da relação enunciador/enunciatário em termos dos processos enunciativos, considero que, na composição do texto em questão, o locutor se apropria da língua, assumindo o papel de editor do jornal *Meia Hora*, e se institui como enunciador: simultaneamente, institui o outro, o leitor, alocutário, como enunciatário. No âmbito do espaço da enunciação, do espaço semiótico base, implementam-se, simultaneamente, o espaço da realidade do enunciador, o

espaço de referência – jornalista que quer chamar a atenção do leitor para uma determinada notícia, verdadeira e real – e o seu contrafactual, em contraposição – o espaço criado, irreal: o espaço da apresentação, que se institui como o espaço em que os interlocutores compartilham atenção diante da maneira que o conteúdo referencial se constrói discursivamente. Esse espaço (de apresentação) visa chamar a atenção de um público leitor em potencial que é reconhecido pelo editor. Os dois espaços (de referência e apresentação) se projetam no espaço *blend*, calibrado pela relevância, que orienta o sentido emergente em função de sua relação com os espaços de referência e apresentação. Essa relação enunciador/enunciatório – editor/leitor é instituída por *blends* como um fenômeno inteiramente mental, conceptual.

REFERÊNCIAS

- BEAUGRANDE, R. de. *New Foundations for a Science of Text and Discourse: Cognition, Communication, and Freedom of Access to Knowledge and Society*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução Maria da Glória Novak e Luiza Neri. Campinas: Pontes, 1995.
- BENVENISTE, É. *Problemas de Linguística Geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BRANDT, Per Aage. *Spaces, Domains and Meaning – Essays in Cognitive Semiotics*. [s.l.]: Peter Lang, 2004. (European Semiotics Series, v. 4).
- BRANDT, Per Aage. Mental Spaces and Cognitive Semantics: A Critical Comment. *Journal of Pragmatics*, v. 37, p. 1578-1594, 2005.
- CORBALLIS, Michael C. *The Recursive Mind: the Origins of Human Language, Thought, and Civilization*. Princeton: Princeton University Press, 2011.
- FÁTIMA abandona Bonner e vai fazer programa. *Jornal Meia Hora*, Rio de Janeiro, 02 dez. 2011. Disponível em:
http://www.meiahora.ig.com.br/noticias/fatima-abandona-bonner-e-vai-fazer-programa_4590.html. Acesso em: 01 out. 2013.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The Way we think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books, 2002.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. Polysemy and Conceptual Blending. In: NERLICH, Brigitte et al (Ed.). *Polysemy: Flexible Patterns of Meaning in Mind and Language*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003. p. 79-94. (Trends in Linguistics).
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. The Origin of Language as a Product of the Evolution of Modern Cognition. In: LAKS, Bernard et al. (Ed.). *Origin and Evolution of Languages: Approaches, Models, Paradigms*. London: Equinox, 2008. p. 133-156.
- FRANCHI, C. Linguagem: atividade constitutiva. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 22, p. 9-39, 1992.
- TURNER, Mark. *The Artful Mind: Cognitive Science and the Riddle of Human Creativity*. New York: The Oxford University Press, 2006.

**Artigo recebido em setembro de 2015.
Artigo aceito em outubro de 2015.**